

# Abordagens museológicas e caminhos literários da fabulação crítica museal

*Museological approaches and literary paths of critical museum fabulation*

Recebido em: 20/10/2025

Aprovado em: 31/08/2026

Joseania Miranda Freitas

Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha

[Sobre os autores >>](#)

## RESUMO

Este ensaio propõe o entrecruzamento de abordagens museológicas e caminhos literários na construção de tramas que unem fragmentos históricos, ficção e poéticas como elementos basilares para estudo e elaboração de documentação e exposição de histórias humanas entrelaçadas a objetos e paisagens. Recorre-se à fabulação crítica museal como uma possível metodologia ancorada em estudos aprofundados de fontes históricas para traçar caminhos que recriem e articulem trajetórias humanas e contextos socialmente marginalizados, por meio de processos polifônicos de escrita. Sabendo-se lacunar, a fabulação crítica museal busca preencher vazios de presenças subalternizadas em museus de arte colonial, elucidando vozes abafadas pelos registros históricos hegemônicos que, muitas vezes, distorcem as versões históricas de pessoas e grupos deixados à margem. A fabulação crítica pode, teórica e empiricamente, oferecer diversificadas maneiras de retomar o passado e trazer à cena pessoas, situações, paisagens e objetos antes secundarizados nas sombras e nos refugos museais. Seguindo essa dinâmica argumentativa, o ensaio defende que a fabulação crítica pode vir a ser inspiradora da produção de narrativas museográficas que explicitem as implicações escravistas, existentes nos acervos coloniais e imperiais, a exemplo do Museu de Arte da Bahia (MAB).

**Palavras-chave:** fabulação crítica; documentação; museografia; biografia de objetos; acervos.

## ABSTRACT

This essay proposes the intersection of museological approaches and literary paths in the construction of narratives that combine historical fragments, fiction, and poetics as fundamental elements for the study and elaboration of documentation and exhibition of human histories intertwined with objects and landscapes. It uses critical museological fabulation as a possible methodology that is anchored in in-depth studies of historical sources to trace paths that recreate and articulate human trajectories and socially marginalized contexts, through polyphonic writing processes. Acknowledging its lacunar nature, critical museological fabulation seeks to fill gaps of subalternized presences in colonial art museums, elucidating voices silenced by hegemonic historical records that often distort the historical versions of people and groups left on the margins. Critical storytelling can, theoretically and empirically, offer diverse ways of revisiting the past and bringing to the forefront people, situations, landscapes, and objects previously relegated to secondary positions in the shadows and museum residues. Following this argumentative dynamic, the essay proposes that critical storytelling can become an inspiration for the production of museographic narratives that make explicit the implications of slavery present in colonial and imperial collections, such as those of the Museum of Art of Bahia (MAB).

**Keywords:** critical fabulation; documentation; museography; biography of objects; collections.



## Ancoragem dos conceitos: fabulação crítica museal e acervos coloniais

A fabulação crítica como método de pesquisa permite a construção histórica de um novo presente para um passado, inextricavelmente, marcado por violências coloniais, incluindo aqui as exclusões, apagamentos e silenciamentos museais e museológicos. Esse método implica em uma escrita [...] buscando transitar nos limites entre o dito pelos arquivos oficiais e o que não foi dito. Não se trata de apresentar a história como aconteceu, ou com intenção de verdade, prática colonizante que também partiu de fabulações, mas de uma revisão crítica sobre os contextos, partindo da polifonia (Freitas; Oliveira, 2025, p. 312-313).

A epígrafe acima é incitadora das reflexões postas neste texto, que apontam a fabulação crítica museal como uma abordagem ou mesmo um caminho metodológico para a construção de argumentos capazes de rever, historicamente, determinados elementos da documentação e da exposição de acervos coloniais, a exemplo do Museu de Arte da Bahia (MAB).<sup>1</sup> Neste ensaio, provocativo de reflexões, além de apresentar algumas considerações sobre determinadas narrativas museográficas do MAB, relativas aos objetos de arte decorativa, tais como porcelanas e louças vidradas, mobiliário e prataria, também são apresentados elementos da exposição temporária *La Marie-Séraphique*,<sup>2</sup> exemplificando como esta categoria de acervos está diretamente relacionada a situações, paisagens e trajetórias de pessoas que vivenciaram um passado “[...] marcado por violências coloniais, incluindo aqui as exclusões, os apagamentos e os silenciamentos museais e museológicos” – como assinalado na epígrafe.

A fonte inspiradora para o campo conceitual desenvolvido ao longo deste ensaio deriva da produção teórica da pesquisadora Sai-diya Hartman (2021, 2025), que, em sua obra, *Cenas da sujeição*, de

<sup>1</sup> O Museu de Arte da Bahia (MAB), localizado no Corredor da Vitória, na cidade de Salvador, em 2024, iniciou ampla reforma estrutural, tendo guardado o seu acervo em reserva. No momento, encontra-se em processo de revisão conceitual de toda a sua exposição. Sobre o Museu de Arte da Bahia, ver Cunha (2020b).

<sup>2</sup> Aconteceu entre outubro de 2018 e abril de 2019, no Museu do Ouro de Bogotá-Colômbia, com Coleções do Museu de História de Nantes, França (Banco de la Republica, 2022a).

1997 – somente traduzida no Brasil em 2025 – usou, pela primeira vez, o termo “fabulação”, criando “[...] um método que reconhecesse e compreendesse a violência e as formas de silêncio e esquecimento produzidas pelo arquivo, [...] um método em que esse repositório pudesse ser usado para propósitos contrários” (Hartman, 2025, p. 41). No texto “Vênus em dois atos”, originalmente publicado em 2008, com tradução no Brasil em 2021,<sup>3</sup> a autora se coloca:

Como escritora comprometida a contar histórias, tenho me esforçado para representar as vidas dos sem nome e dos esquecidos, em considerar a perda e respeitar os limites do que não pode ser reconhecido. Para mim, narrar contra-Histórias da escravidão tem sido sempre inseparável da escrita de uma História do presente, ou seja, o projeto incompleto de liberdade [...] (Hartman, 2021, p. 109).

Ao trazer tais argumentações para o campo museal, que também se nutre do arquivo oficial, este ensaio provoca a construção de “propósitos contrários” ou mesmo narrativas “contra-Histórias da escravidão” – para o enfrentamento de narrativas museográficas coloniais e imperiais, cristalizadas no apogeu das elites açucareiras que omitem relatos sobre o processo de escravidão, como pano de fundo da existência dos acervos desses períodos. A fabulação crítica museal, portanto, tem sua base na teoria literária, somada à análise histórica do discurso pós-colonial. Ainda que lacunar, visa adentrar nos, também lacunares, campos da documentação museológica e exposição, para preencher vazios e elucidar vozes abafadas pelos registros históricos hegemônicos que, para além de silenciar, muitas vezes distorcem versões históricas de pessoas e grupos subalternizados. A fabulação crítica é, portanto, teoria e empiria, que oferece diversificadas maneiras de retomar o passado e trazer à cena, histórica e museal, pessoas, situações, paisagens e objetos antes secundarizados ou mesmo silenciados.

As tramas da fabulação crítica museal se constroem na conexão da literatura com fragmentos históricos, ficção e poéticas que compõem as histórias humanas entrelaçadas aos objetos e às pai-

<sup>3</sup> O texto faz parte da coletânea *Pensamento negro radical: antologia de ensaios* (Hartman, 2021).

sagens. Nesse sentido, como observa a estudiosa Elena Brugioni (2019, p. 78) em suas análises de obras literárias: “[...] o texto literário se configura como um lugar de articulação de repertórios culturais heterogêneos, entre os quais se situam, por exemplo, as narrativas orais, as *hi/estórias* e as memórias privadas”. Essa perspectiva inspira a construção de tramas da fabulação crítica museal, urdidas como um possível percurso metodológico que se ancora em estudos aprofundados de fontes históricas para traçar caminhos, visando recriar e articular trajetórias humanas e contextos socialmente marginalizados nas documentações e exposições de museus.

É importante não perder de vista que não se trata de um ato irresponsável de, tão somente, ficcionar os fatos. Não há disputa entre fato e ficção, pois é primordial para a construção da fabulação crítica a análise contextual, o encontro com as fontes documentais oficiais. Só então pode-se construir o que Hartman (2021, p. 122) chama de “[...] uma narrativa do que talvez tivesse sido ou poderia ter sido; é uma História com e contra o Arquivo”. A fabulação crítica revisa, criticamente, os contextos, partindo da pluralidade de vozes para o mesmo fato, principalmente aqueles consolidados em narrativas monofônicas.

Quanto à constituição como método de pesquisa, a autora é muito cuidadosa para que as novas narrativas não se constituam em armadilhas que violentem as já sofridas vidas silenciadas: “Eu quero contar uma história [...] sem cometer mais violência em meu próprio ato de narração. É uma história fundamentada na impossibilidade – de escutar o não dito, traduzir palavras mal interpretadas e remodelar vidas desfiguradas [...]” (Hartman, 2021, p. 108).

Os procedimentos metodológicos da fabulação crítica museal estimulam a criação de narrativas com base em pesquisa nos seus mais diversos formatos, seja a partir da revisão bibliográfica ou da pesquisa de fontes arquivísticas ou de campo, de forma a produzir material para interpretações que se entrelaçaram à ficção literária como forma de construir e/ou reconstruir, poética e dignamente, vidas, situações, paisagens e objetos marcados pela violência do silêncio e/ou ocultamento de suas diversas camadas históricas em

espaços museais. As palavras do historiador haitiano Michel-Rolph Trouillot (2024, p. 67) nos ajudam a melhor refletir sobre a dimensão dos silêncios: “[...] qualquer narrativa histórica é um conjunto específico de silêncios, o resultado de um processo singular, e a operação necessária para desconstruir esses silêncios variará de acordo com eles”. Este texto propõe, portanto, o uso da fabulação crítica museal como uma das estratégias possíveis “para desconstruir esses silêncios”.

Trilhar os caminhos da fabulação crítica no campo da documentação de acervos museais implica, para além de desafiar as limitações lacunares dos discursos históricos oficiais, construir intervenções criativas que partam dos próprios arquivos, isto é, das etiquetas e fichas de documentação em busca da revisão literária e arquivística relativa ao acervo em estudo. Ao somar a pesquisa realizada à fabulação crítica, será possível produzir uma escrita que, mesmo que ainda limitante e lacunar, deverá ser responsável e comprometida com as complexidades que envolvem as histórias ora marginalizadas, que serão iluminadas neste percurso metodológico.

A fabulação crítica é um exercício de escrita complexo, que, aplicada ao processo de documentação de acervos museais, pode oferecer argumentos que colaborem para novos registros diferentes da forma “cristalizada” do preenchimento quase automático das fichas. A documentação, numa perspectiva de fabulação crítica, envolve uma diversidade de vozes e não se restringe às fichas e etiquetas museais. Afinal, como bem salienta Juliana Monteiro (2022, p. 64), em seu texto sobre o ensino de documentação,

Fazer documentação é, antes de tudo, compreender que toda e qualquer ação de caráter documental tem impacto na interpretação que se dá a um objeto museológico. E que, portanto, longe se está de um ato asséptico, neutro e livre de olhares pessoais. Estamos, assim, no terreno da normalização da informação, mas também do entendimento de que o próprio processo de produção da mesma não é livre de perspectivas e tendências.

Entretanto não se trata de propor uma reviravolta no setor de documentação para que, de um momento para outro, adote-se este caminho metodológico. Não é bem assim, visto tratar-se de um

lento exercício, com limites e lacunas. É uma opção estético-ético-política atrelada aos processos polifônicos de escrita, nos quais se privilegia a diversidade de versões dos fatos implicados às vidas humanas, situações e paisagens, com suas finitudes, tensões, conflitos e incompletudes. Esse exercício museal se aproxima da análise literária feita por Brugioni (2019, p. 80, grifo próprio), ao apontar que determinado

[...] texto literário como um *lócus* de inteligibilidade mútua, não caracterizado pela rasura, a exotização e a ausência de conflitos, mas como um lugar de articulação do *outro* e da *diferença*. [...]. Cabe, dessa forma, [...] atribuir a essas *outras narrativas* uma participação substancial na construção da história – dentro e fora do romance –, realçando o valor fabulatório e semântico que esses repertórios possuem para pôr à prova e interrogar o sentido do lugar e da(s) sua(s) história(s).

Feita a opção institucional via exercício da polifonia por meio da fabulação crítica, faz-se necessário traçar planos de trabalho para o estudo dos acervos. Aí serão consultadas as equipes internas e de especialistas das áreas envolvidas, de forma a garantir um trabalho interdisciplinar. É necessário atentar que o tamanho do acervo não determina o grau de complexidade das informações a serem pesquisadas. Essas não são contas fáceis de serem calculadas, posto que as tramas das vidas humanas implicadas aos objetos independem de números que indiquem maior ou menor complexidade. Como ato político e ético, a escolha da polifonia implica criticar e questionar estruturas de poder impregnadas nas descrições dos objetos museais. O uso do verbo “pode” está relacionado ao fato de que não é uma normativa, mas possibilidades oferecidas ao campo museal, para que, ao documentar e expor, as equipes possam, de fato, ultrapassar os dados explícitos e sejam ampliadas as possibilidades de explicitação dos dados implícitos.

O exercício pode ter início com uma determinada parte do acervo e, na medida do possível, somam-se aos dados da nova documentação a produção e a publicação de textos relativos aos acervos sob as mais variadas percepções por eles interconectadas. Isto será suporte para as narrativas museográficas polifônicas que possam oferecer materialidades cênicas à nova documentação

com base em outras formas de contar histórias. Histórias que mesclam vidas humanas e não humanas, temporalidades, memórias, paisagens e objetos a serem interpretados pelos públicos. A partir das reflexões sobre as temáticas em cena, o público poderá criar conexões, desconexões e/ou questionamentos que o levem à compreensão mais aprofundada das realidades sociais apresentadas por meio das narrativas museográficas que, por sua complexidade, ficarão em aberto.

## Fabulação crítica museal: sobre a vida dos seres inanimados

Objetos estão na base de nossos processos cognitivos, amparados, obviamente, pela linguagem em uma relação de reciprocidade, visto que a linguagem repousa no sistema dos objetos, pois ao mesmo tempo em que distinguimos os objetos pela nomeação, nomeamos em razão da distinção dos mesmos. Pela cultura e linguagem transformamos “coisas” em “objetos” subjetivados, realizando classificações, articulações e inserções (Cunha, 2020a, p. 153).

Essa epígrafe nos inspira e nos desafia à busca da compreensão, a mais completa possível, dos acervos de museus, sem perder a dimensão da incompletude que cerca suas histórias de seres inanimados, em constante relação com indivíduos, ambientes e contextos. Neste texto, optamos pelos caminhos metodológicos da fabulação crítica como trilha possível para “elucidar as falas” dos objetos, buscando interpretar os códigos de linguagem que “[...] repousa[m] no sistema dos objetos, pois ao mesmo tempo em que distinguimos os objetos pela nomeação, nomeamos em razão da distinção dos mesmos” – como observado no excerto de Cunha. Mesmo que possa ser considerado um velho tema, o estudo de acervos de museus ainda se constitui como um difícil campo a ser semeado. A árdua tarefa de ultrapassar as descrições formais, ditas intrínsecas e extrínsecas, e adentrar ao campo das análises, buscando compreender as teias de relações implícitas e explícitas que cercam os objetos, encontra, no trabalho de documentação, dificuldades concretas para torná-lo mais aprofundado e sistemático.

Os desafios ante a difícil tarefa de “elucidar as falas” dos seres inanimados começam na vivência cotidiana dos museus que, geralmente, têm sérias lacunas relativas ao pessoal especializado, somadas ao conjunto de demandas emergenciais que fazem com que as instituições encerrem a documentação ainda em uma fase primária, informando minimamente sobre seu acervo, abortando, muitas vezes, o que poderia ser seu precioso trabalho de pesquisa, que levaria o público a “escutar” as diversificadas vozes dos objetos que se encontram em estado de “mudez”.

Nesse caso, muitas questões são postas: o que o objeto pode? O que deve ou o que não pode e não deve falar? O estado potencial de objeto “mudo ou falante” não retira dele seu caráter de portador de informação, mas o poder de “fala” dos objetos está na fala humana. Como recomenda Freitas (2023, p. 276), é preciso trazer à cena: “[...] a importância dos objetos como basilares para a construção de narrativas de humanidades”.

Objetos e artefatos,<sup>4</sup> compreendidos como documentos que marcam as histórias humanas, são portadores de informações que demandam processos de pesquisa para que essas informações sejam identificadas. Mostram, em suas formas, algumas características perceptíveis por análise física ou estrutural. Já no campo das análises contextuais, em que é preciso entrelaçar tempo e espaço para compreender os horizontes sociais, fazem-se necessárias outras abordagens e fontes de pesquisa que permitam ultrapassar a descrição física do objeto, trazendo à cena suas funções e relações, a exemplo do estudo da biografia das coisas que, nas palavras de Igor Kopytoff (2008, p. 93), “[...] pode dar grande realce a facetas que de outra forma seriam ignoradas”. Tal processo de estudo ajuda a sair do óbvio oferecido pelas peças; quer dizer: trazer à cena funções e relações leva a compreender os valores simbólicos e materiais, os círculos de produção e comercialização e o uso e transferência dos objetos para o campo museal.

<sup>4</sup> Objetos são toda e qualquer coisa, produzida ou não por seres humanos. Já os artefatos são produções humanas.

Para essa tarefa os museus necessitam investir em equipes de estudos. Os acervos de museus são laboratórios potenciais, e seu estudo pode proporcionar o desenvolvimento das demais ações museais, principalmente tendo por base os diversos campos do saber, como a Antropologia, a História e a Semiótica, que já produziram importantes reflexões sobre a trajetória dos objetos e sua importância como materialidade das memórias sociais. A perspectiva de uso da fabulação crítica, para além da base histórico-documental, ancora-se na Literatura e na Poética como suportes teóricos e práticos que podem contribuir para melhor interpretar as relações relativas aos seres inanimados, a partir dos seus dados históricos, acrescidos de processos criativos que possam explicitar, na documentação e na exposição, sua produção, comercialização, utilização, formato e estrutura física, entre outras tantas informações.

## **Fabulação crítica museal: sobre vidas humanas subalternizadas**

O objetivo é, na verdade, escrever uma história que reabra para os descendentes de escravos a possibilidade de voltarem a ser agentes da história propriamente dita. No desdobramento da Emancipação e da Reconstrução, escrever é considerado, mais do que nunca, um ato de imaginação moral. [...] A noção de razão negra remete, portanto, a essas diferentes versões de um mesmo enredo, de uma mesma constelação (Mbembe, 2018, p. 63-66).

As ações de documentar e expor acervos museais implicados a vidas humanas subalternizadas se afinam às discussões de Achille Mbembe (2018), sintetizadas na epígrafe acima, pois trata-se de uma escrita de compromisso estético-ético-político que pode ser considerada como “um ato de imaginação moral”, abrindo possibilidades de agenciamento em direção ao “desdobramento da Emancipação e da Reconstrução”. A fabulação crítica museal pode ser compreendida como uma das “diferentes versões de um mesmo enredo”. Enredo marcado, de fato e infelizmente, pelas situações de subalternidade resultantes de processos de exploração humana,

consolidados pelo arranjo e domínio das nações que dividiram o mundo em vencidos e vencedores. A reflexão do autor nos inspira a vislumbrar a concretude dessas outras escritas como “um ato de imaginação moral” que humaniza histórias de desumanização.

Nos museus, de maneira geral, os registros de vidas humanas têm sido secundarizados em função do fascínio da relação “objeto pelo objeto”. Tanto na documentação quanto nas exposições, o ser humano e suas relações passam por silenciamentos e ocultamentos, salvo nos casos de museus que prestam homenagem a determinadas pessoas. Ainda assim, restam perguntas sobre quem são essas pessoas merecedoras de tal destaque. Os objetos parecem surgir magicamente, ou seja, as vidas humanas implicadas à sua existência tendem a desaparecer. Na maioria das vezes, as referências humanas ficam restritas aos proprietários, omitindo-se os processos de produção, comercialização e uso, não somente pelos proprietários em destaque.

Tal relação fica ainda mais explícita nos museus com acervos que retratam o período colonial e, no caso brasileiro, inclui-se também o período imperial, ambas as fases com modelo escravista. Os acervos produzidos nessas temporalidades trazem impregnadas em suas biografias as marcas indeléveis da escravidão. Porém, os museus, como salienta Freitas e Oliveira (2020, p. 554):

[...] esquecem de dizer que essas elites não duraram para sempre, muitos nobres faliram, não permaneceram no apogeu como sugerem os cenários expográficos, que nada falam dos processos de decadência das elites nobiliárquicas retratadas nas muitas ruínas no Recôncavo Baiano.

Os museus não exploram esses dados históricos de forma contundente; optam, em geral, pela versão da história oficial, monofônica, sem contradições e ambiguidades que, não somente silencia sobre a presença humana de pessoas escravizadas, mas termina por descontextualizar os cenários históricos em suas narrativas museográficas, que se apresentam destituídas da complexidade histórica, com foco em acervos centrados no auge da riqueza colonial. É portanto, paradoxal, pois esses mesmos acervos também são a prova material da perda de poder aquisitivo para sua manu-

tenção, uma vez que foram destinados a antiquários, a leilões, para o pagamento de dívidas, ou seja, esses acervos evidenciam o auge e a ruína das elites do sistema escravista.

Um exemplo desse tipo de relação encontramos em exposições de louças “chinesas de exportação”, ou louças europeias ditas “louças históricas” e/ou “louças brasonadas”, encomendadas pela nobreza brasileira com recursos advindos do trabalho escravo. Nas descrições dos catálogos, há algumas referências às fábricas, mas não ultrapassam as informações sobre os proprietários que, no entanto, não lidavam com o mundo doméstico no século XIX. As esposas, mães, irmãs e demais parentes que circulavam nesses ambientes são postas no esquecimento. A figura feminina, mesmo da classe dominante, estava subalternizada e, infelizmente, em registros museográficos no século XX, continuaram nessa posição. Tomando as análises de Gayatri Chakravorty Spivak (2010, p. 84), sobre o poder de fala de sujeitos subalternos, podemos lembrar que: “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”.

Vejamos um exemplo (Figura 1) desse tipo de descrição no catálogo de “Louça histórica” do Museu de Arte da Bahia, publicado na passagem do século XX para o XXI.

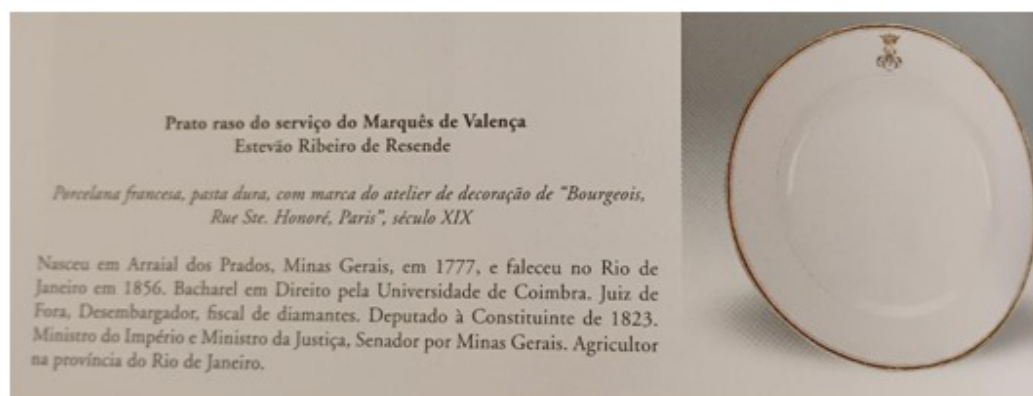


**Figura 1. Prato raso do serviço do Marquês de Valença.**

Athayde; Miranda, 2000, p. 66.

Aqui se apresenta a escolha a contrapelo da fabulação crítica, a fabulação romantizada, despida de crítica, na qual o proprietário é citado como um “agricultor” que viveu entre os séculos XVIII e XIX, tendo presenciado a passagem do status político do país de colônia para império. Foi bacharel em direito, juiz, desembargador, fiscal de diamantes, deputado, senador e ministro do Império. Sobre a louça, tem-se tão somente a sua procedência francesa, tipo de pasta, marca de fabricação e datação. Mas algumas questões vêm à cena ao analisarmos essa descrição quase ao alvorecer do segundo quarto do século XXI: ainda encontramos lugar para tais descrições? Ainda não há lugar para falar do trabalho fabril das porcelanas na China, na Europa e sua posterior chegada às colônias americanas? Ou para falar das tentativas europeias em conseguir e adquirir, por meio de pilhagem, a fórmula da “verdadeira” porcelana? E haveria lugar para falar da gestão doméstica dessas louças? As questões se estendem ainda a quem cuidava dessas peças nos lares, ou seja, não se fala sobre as mulheres, brancas e negras escravizadas, livres e/ou alforriadas, que continuavam no trabalho doméstico. Tampouco se menciona o fetiche que esses objetos exerciam e de como eram desejados e adquiridos, também, por mulheres negras quando alcançavam condições financeiras para tal, como sinalizado no texto de Freitas e Cruz (2022, p. 155), que

[...] entrecruza três narrativas sobre o tema que, museologicamente, se cristalizou como exclusivo das elites, ocultando que as chamadas “louças finas” foram também adquiridas por mulheres negras, antes e depois da abolição do trabalho escravo.

Em qualquer canto deste país, em sua condição escravista e pós-escravista, podem ser encontradas muitas histórias sobre mulheres negras e louças finas. O premiado romance de Eliane Marques (2023), *Louças de família*,<sup>5</sup> conta a trajetória de mulheres negras na fronteira do Brasil com o Uruguai, entrelaçadas às histórias de um casarão com seu armário de louças, que foram transportadas no mesmo tipo de navio que traficava vidas humanas escravizadas:

<sup>5</sup> Prêmio São Paulo de Literatura 2024, na categoria Melhor Romance de Estreia de 2023.

Comercializado pela Companhia das Índias Ocidentais, junto com as gentes amontadas nos porões dos navios, o serviço dos pavões chegou às terras dos antepassados da senhora. A companhia comercializava as gentes e parte dos serviços que a elas seriam atribuídos. Uma dupla competência (Marques, 2023, p. 17).

A citação acima pode ser articulada à perspectiva de compreensão desses navios e suas cargas, por intermédio da revisão de elementos da narrativa museográfica “A bordo de um navio escravista, La Marie-Séraphique”.<sup>6</sup> Este navio, em sua rota triangular no Atlântico, saiu de Nantes, na França, para sua primeira viagem à Costa Ocidental africana e posterior chegada às Américas, e retorno à Europa, com uma carga estimada em

[...] mais de 12.000 peças variadas: tecidos coloridos “índianos” feitos em Nantes, como os que chegaram da Índia, tecidos da Holanda, rifles, sabres, pólvora, barras de ferro, álcool, contas de colar de vidro, espelhos, conchas e vários itens pequenos (Banco de la Republica, 2022b).

A narrativa museográfica destacou os entrecruzamentos das cargas no navio, apresentando, entre outros tantos objetos necessários às grandes viagens, aqueles destinados à garantia de proteção das cargas, a exemplo das armas de fogo, do ferro de marcar e de grilhões de contenção para as pessoas escravizadas, mesclados aos objetos destinados ao conforto e luxo das elites coloniais-escravistas: louças, vidros, contas e tecidos, como exemplificado nas Figuras 2 a 5.

<sup>6</sup> A exposição se transformou em itinerante, passando nas cidades onde estão instituições da Rede de Museus do Banco da República, de 2019 a 2022.



**Figura 2. Armas, vidros, contas e louças. Museu do Ouro, Bogotá, Colômbia.**

Fonte: Acervo pessoal de Joseania Miranda Freitas, 2018.



**Figura 3. Grilhão com chave e ferro de marcar. Museu do Ouro, Bogotá, Colômbia.**

Fonte: Acervo pessoal de Joseania Miranda Freitas, 2018.



**Figura 4. Gargalheira. Museu do Ouro, Bogotá, Colômbia.**

Fonte: Acervo pessoal de Joseania Miranda Freitas, 2018.



**Figura 5. Tecidos manufaturados em Nantes. Museu do Ouro, Bogotá, Colômbia.**

Fonte Acervo pessoal de Joseania Miranda Freitas, 2018.

Ao exibir, conjuntamente, os objetos das cargas do navio destinados ao luxo senhorial e à contenção de seres humanos desumanizados, essa exposição temporária trouxe à reflexão possibilidades concretas para o enfrentamento e confronto dos acervos coloniais-escravistas. Utilizando as palavras de Trouillot (2024, p. 68), podemos inferir que a exposição trouxe à tona “a efetividade do silêncio original” tornando-o “plenamente visível”.

## Fabulação crítica museal: preenchimento de lacunas

A perda de histórias aguça a fome por elas. Então é tentador preencher as lacunas e oferecer fechamento onde não há nenhum. Criar um espaço para o luto onde ele é proibido. Fabricar uma testemunha para uma morte não muito notada (Hartman, 2021, p. 117).

As narrativas museográficas apresentadas acima servem de inspiração para uma reflexão a respeito de se expor, em longa duração, a complexidade de histórias de vidas humanas, de objetos e paisagens implicados na constituição de tramas do tráfico negreiro que sustentou o sistema colonial-escravista e equiparou vidas humanas a mercadorias. A exposição citada apresentou um importante ato museográfico de ruptura da lógica expositiva colonial ao juntar, em um mesmo cenário, armas, grilhões, louças e tecidos, acrescidos de farta documentação sobre o tráfico negreiro. A lógica colonial, monofônica e hegemônica, primava pela invisibilização e/ou espetacularização relativas à escravidão, exacerbando as lacunas causadas pela “perda de histórias”, como bem alerta Saidiya Hartman (2021) na epígrafe que abre esta seção.

A imagem literária da “fome”, proposta por Hartman (2021), extrapola a objetividade da ausência de suprimentos à manutenção fisiológica de vidas humanas e se amplia para as carências subjetivas, impeditivas de garantir o direito completo às histórias perdidas. Assim como somos sensibilizados a acudir aos apelos para suprir a “fome” fisiológica, a autora nos incita a atender aos apelos da “fome” subjetiva. No entanto, por ser resultante de processos violentos, a “fome” subjetiva se transforma em um processo

crônico e insaciável, mesmo com a retomada e a reconstrução de histórias perdidas. No entanto, é preciso destacar que, no trabalho de documentação e exposição de acervos museais, há um consenso em tomar como natural os processos de “perdas” sofridas pelos objetos ao serem musealizados, sejam as perdas dos elos com as vidas humanas e sua territorialidade, com suas funções, ou, muitas vezes, a perda ou a troca de nomes etc. No ambiente museal, o objeto toma um novo status, como salienta Monteiro (2022, p. 70):

[...] se transforma em indício de um contexto, fenômeno ou evento, que será reunido a outros objetos e com eles, a partir da contextualização produzida pelas práticas documentárias e pelas políticas institucionais, conformará uma nova realidade – a do museu, marcada por seus esquemas classificatórios, formas e espaços de exibição.

No trabalho museal, a complexidade do convívio com as “perdas” sofridas pelos objetos alimentou práticas museais que podem ser postas em questão na contemporaneidade, de forma a incorporar “histórias perdidas”. No campo específico dos objetos relacionados às temporalidades escravistas, Freitas (2019) argumenta que o tema da escravidão chega a ser um “tabu” para os museus que possuem acervos dessas temporalidades. Analisando a realidade da Europa e suas colônias, a autora afirma que tais museus têm dificuldades concretas de transpor o óbvio das informações intrínsecas dos objetos e terminam por replicar

[...] os ambientes suntuosos das casas senhoriais, nas metrópoles e nas colônias, privando o público de receber informações mais amplas relativas ao mobiliário, louças, prataria, ourivesaria e demais adornos, como tapetes, indumentárias, vidros e cristais, entre tantos outros objetos que marcaram as hierarquias coloniais (Freitas, 2019, p. 58-59).

Tais práticas, para além do silenciamento das produções nativas e africanas, privilegiaram, segundo a autora “[...] concepções artísticas europeias [...] sacralizando objetos de exceção, como se o uso dos objetos decorativos estivesse restrito às nobrezas europeias nas metrópoles e nas suas representações coloniais” (Freitas, 2019, p. 59).

Mesmo enaltecendo as elites coloniais, a permanência de mentalidades patriarcais continuou sendo um elemento impeditivo para o registro e a museografia relativa à presença das mulheres com seus títulos nobiliárquicos, como vimos anteriormente no exemplo da descrição da louça do Marquês de Valença (Athayde; Miranda, 2000, p. 66). Por isso, ainda que lacunar, apostamos na utilização do caminho metodológico da fabulação crítica museal como âncora para tentar recuperar histórias perdidas de vidas humanas subalternizadas implicadas aos acervos ancorados em mentalidades coloniais.

Para finalizar as argumentações deste ensaio, voltamos às palavras de Hartman (2021, p. 122), sobre o trabalho de escrita da fabulação crítica como “[...] uma escrita impossível que tenta dizer o que resiste a ser dito [...]”. O seu pensamento se completa com a análise de Dionne Brand (2022, p. 34), quando afirma que: “Escrever é estar envolvida neste ato de tradução, de sucumbir ou inclinar-se ao idioma de outro corpo. [...] Ler e traduzir, pode também ser invejar, querer se tornar.” A fabulação crítica museal pode ser o lugar do “querer se tornar” que leve à prática de ações empáticas. Sem esquecer que os silêncios “são inerentes à história”, como bem pontua Trouillot (2024, p. 93), quiçá seja preciso criar espaço para o exercício da capacidade de, por meio de relações aprofundadas, colocarmos-nos no lugar de quem vive, viveu e viverá situações de apagamentos e silenciamentos, nas sombras e nas sobras museais.

## Referências

ATHAYDE, Sylvia Menezes de; MIRANDA, Victorino Coutinho Chermont de. *Louça histórica*. Salvador: Museu de Arte da Bahia, 2000.

BANCO DE LA REPUBLICA (Colombia). Acerca de: exposición A bordo de un navío esclavista, La Marie-Séraphique. *Banrepcultural*, Bogotá, 25 nov. 2022a. Disponível em: <https://shre.ink/3iwi>. Acesso em: 27 mar. 2025.

BANCO DE LA REPUBLICA (Colombia). Una campaña de trata de personas a bordo del navío La Marie-Séraphique en 1769: exposición A bordo de un navío esclavista, La Marie-Séraphique. *Banrepcultural*, Bogotá, 25 nov. 2022b. Disponível em: <https://shre.ink/3iVn>. Acesso em: 27 mar. 2025.

BRAND, Dionne. *Um mapa para a porta do não retorno*: notas sobre pertencimento. Tradução Jess Oliveira e floresta. Rio de Janeiro: A Bolha, 2022.

BRUGIONI, Elena. *Literaturas africanas com-paradas: paradigmas críticos e representa-ções em contraponto*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. O tratamento museológico da herança patri-monial: a exposição como estratégia comu-nicacional. In: MAGALHÃES, Fernando *et al.* (coord). *Museologia e património*. Leira: Instituto Politécnico de Leira, 2020a. v. 3, p. 148-178. E-book. Disponível em: <https://shre.ink/3FaN>. Acesso em: 30 maio 2025.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. Sobre negros, cangaço e cobras-coral ou o Museu de Arte da Bahia (MAB), antes dele mesmo. In: BRITTO, Clovis Carvalho; CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da; CERÁVOLO, Suely Moraes (org.). *Estilhaços da memória: o Nordeste e a reescrita das práticas museais no Brasil*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico; Salvador: Observatório da Museologia na Bahia, 2020b. p. 248-267.

FREITAS, Joseania Miranda; CRUZ, Rosa Catão. Mulheres negras e louças finas: três narrativas entre ocultamentos e visibili-dades. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, DF, v. 11, nº 22, p. 155-178, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://shre.ink/3Fcu>. Acesso: 21 mar. 2025.

FREITAS, Joseania Miranda. Escravidão: tema tabu para os museus de arte decora-tiva. *Revista PerCursos*, Florianópolis, v. 20, n. 44, p. 56-76, set./dez. 2019. Disponível em: <https://shre.ink/3yP2>. Acesso em: 11 jan. 2025.

FREITAS, Joseania Miranda. Inquietudes e utopias: exposições de longa duração nos museus de arte decorativa. In: NARLOCH, Charles; GRANATO, Marcus (org.). *Museus, museologia e ciência no Brasil: 200 anos de in(ter)dependência, inquietude e utopia*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências

Afins, 2023. v. 1, p. 275-292. Disponível em: <https://shre.ink/3im2>. Acesso em: 13 dez. 2024.

FREITAS, Joseania Miranda; OLIVEIRA, Lysie dos Reis. Memórias de um tamborete de baiana: as muitas vozes de um objeto de museu. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica*, Salvador, v. 5, nº 14, p. 541-564, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/3i1G>. Acesso em: 22 mar. 2025.

FREITAS, Joseania Miranda; OLIVEIRA, Lysie dos Reis. Um exercício de fabulação crítica: mulheres negras na “América Tran-satlântica” e a transformação de vestes e adornos coloniais-imperiais-escravistas em posturas contra-hegemônicas. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, DF, v. 14, nº 27, p. 309-340, jan./jun. 2025. Disponível em: <https://shre.ink/3i1l>. Acesso em: 22 mar. 2025.

HARTMAN, Saidiya. *Cenas da sujeição: ter-ror, escravidão e criação de si na América do século 19*. Tradução do inglês por Fernanda Silva e Sousa e Marcelo R. S. Ribeiro. São Paulo: Fósforo, 2025.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. Tradução Fernanda Silva e Sousa e Marcelo R. S. Ribeiro. In: BARZAGHI, Clara; PATER-NIANI, Sheila Z.; ARIAS, André (org.). *Pen-samento negro radical: antologia de ensaios*. São Paulo: Crocodilo: n-1 edições, 2021. p. 105-130.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultu-ral*. Tradução Agatha Bacelar. Niterói: EdUFF, 2008. p. 89-124.

MARQUES, Eliane. *Louças de família*. Belo Horizonte: Autêntica Contemporânea, 2023.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MONTEIRO, Juliana. Para além das fichas: falando sobre documentação de acervos museológicos em sala de aula. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, DF, v. 11, p. 63-74, ago. 2022. Número especial: Perspectivas de documentação museológica: competências, formações, experiências e reflexões. Disponível em: <https://shre.ink/3iiz>. Acesso em: 22 mar. 2025.

O MUSEU de Arte da Bahia. São Paulo: Banco Safra, 1997. Catálogo.

SHARPE, Christina. *No vestígio: negridade e existência*. Tradução Jess Oliveira. São Paulo: Ubu, 2023.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Tradução Sebastião Nascimento. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024.

Este ensaio tem como base a palestra presencial realizada para o projeto “Leituras de Mundo”, da Biblioteca do Museu de Arte da Bahia, no dia 5 de dezembro de 2024. Apresenta, em respeito às memórias e trajetórias subalternizadas pelo processo escravista, reflexões provocativas advindas de vivências profissionais, sem a pretensão de oferecer um receituário sobre como trabalhar com acervos coloniais. Não se trata da criação de um método, mas da articulação de referências que possam colaborar no pensar-fazer museal, com acervos do período escravista, do Brasil colônia e império.

---

**Joseania Miranda Freitas** | Professora titular do curso de museologia da Universidade Federal da Bahia, responsável pelo componente arte decorativa. Atualmente integra a Comissão Curatorial do Acervo do Museu de Arte da Bahia. Estudiosa da cultura material, com ênfase em mobiliário, ourivesaria, cerâmica e porcelana, escreve artigos sobre as interfaces entre patrimônio cultural, acervos museológicos, biografias de objetos e memórias afrodiaspóricas. Email: joseaniafreitas@yahoo.com.br | Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2522358867008495> | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6133-2303>.

**Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha** | Professor do Departamento de Museologia da Universidade Federal da Bahia, Brasil (Graduação e Pós), docente do Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos e do Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade de Ciências Humanas e Tecnológicas da Lusofonia (Lisboa, Portugal). Atualmente, é coordenador do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia. Estuda questões relacionadas à memória e aos processos de patrimonialização, com foco em temáticas africanas e afro-brasileiras. Possui experiência em atividades museológicas, em especial na gestão institucional e na produção e análise de exposições relacionadas ao patrimônio africano e afro-brasileiro. E-mail: marcelo.bernardodacunha.cunha@gmail.com | Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8246819454433878> | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4735-3519>.

<< Voltar ao início